SBTCP
Seminário Brasileiro de Teoria e Clínica Psicanalítica

Guia institucional

Guia da Formação Teórica e Analítica

Análise pessoal, estudo teórico e supervisão psicanalítica

Documento institucional · 2026 · Uso pessoal do estudante

Sumário

1. Apresentação e natureza do percurso 3

2. Fundamentos conceituais do método 4

3. Estrutura do percurso 5

4. Eixos curriculares e leituras 6

5. Análise pessoal 7

6. Articulação entre teoria e clínica e supervisão 8

7. Critérios de avanço e avaliação 9

8. Ética, legislação e limites de atuação 10

9. Glossário técnico 11

10. Bibliografia de referência 12

1. Apresentação e natureza do percurso

Este guia descreve, de forma técnica e completa, o percurso de estudo oferecido pelo Seminário Brasileiro de Teoria e Clínica Psicanalítica (SBTCP). Ele deve ser lido antes da inscrição e consultado ao longo de toda a trajetória, pois reúne os fundamentos conceituais, a estrutura das etapas, os critérios de avanço e os limites éticos e legais que organizam o trabalho.

O SBTCP não é um curso de graduação ou pós-graduação regulamentado pelo Ministério da Educação, não confere diploma de ensino superior nem registro em conselho profissional. Trata-se de um seminário de estudo e formação livre, que articula quatro frentes: **análise pessoal**, **formação teórica** em ambiente virtual de aprendizagem (AVA), **articulação entre teoria e clínica** e **supervisão** com estudo de dois casos.

> *Não existe "formação em psicanálise" no sentido de um título que dispense a experiência analítica. Existe um percurso feito de análise, estudo e supervisão. O SBTCP não vende certificados: facilita a jornada de conhecimento e de prática psicanalítica, com critérios explícitos e respeito ao ritmo de cada estudante.*

A psicanálise não é profissão regulamentada em lei no Brasil. A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) registra a ocupação *Psicanalista* sob o código 2515-50, mas a CBO é um instrumento de classificação estatística e administrativa e não regulamenta o exercício profissional. Essa distinção é essencial para evitar promessas indevidas e para orientar a conduta responsável de quem estuda e atua.

Para quem é

Pessoas maiores de 18 anos que desejam estudar psicanálise com rigor, e psicanalistas já formados que desejam se afiliar mediante envio de certificado.

O que oferece

Estrutura de estudo, acompanhamento, supervisão por profissional designado, critérios de avanço explícitos e materiais de referência.

O que não oferece

Diploma de graduação, registro profissional, habilitação legal para atuar em áreas regulamentadas ou acreditação pela IPA ou pela APF.

Como se organiza

Percurso contínuo, sem prazo único de conclusão. O avanço depende do cumprimento de etapas e da demonstração de competências.

2. Fundamentos conceituais do método

O método do SBTCP repousa em uma tese clássica da tradição psicanalítica: a experiência de ser escutado em análise precede e acompanha o estudo da teoria. Conceitos como inconsciente, transferência, resistência e recalque podem ser aprendidos como vocabulário em poucas semanas, mas só se convertem em instrumentos de escuta quando reconhecidos na própria experiência.

Essa posição aparece, com formulações distintas, em diversos autores. As sínteses a seguir apresentam a ideia central de cada um, em tradução livre, e não devem ser lidas como transcrições literais. A consulta às obras originais é parte do estudo.

Autor	Ideia central sobre a formação do analista	Obra de referência
Sigmund Freud	Quem não passou por análise própria dificilmente compreenderá o que se passa no tratamento. A análise do futuro analista é condição de trabalho, e não ornamento.	Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912)
Sándor Ferenczi	A análise do candidato é indispensável e deve ser profunda. O analista precisa conhecer suas próprias resistências para sustentar a elasticidade da técnica.	Elasticidade da técnica psicanalítica (1928); textos sobre a formação do analista
Jacques Lacan	A análise pessoal é o ponto de partida da formação. Nenhum estudo teórico substitui a experiência vivida da análise.	Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola
Wilfred Bion	A experiência emocional é fonte da teoria. A teoria isolada da experiência corre o risco de se tornar saber estéril.	Aprendendo da experiência (1962)

O tripé da formação. Desde as décadas de 1920 e 1930, os institutos de psicanálise organizaram a formação em torno de três componentes: análise pessoal, estudo teórico e supervisão clínica. A International Psychoanalytical Association (IPA) reconhece hoje diferentes modelos de formação, como o modelo Eitingon, o modelo francês e o modelo uruguaio, que diferem sobretudo quanto à forma de organizar e de separar essas funções. O SBTCP toma como referência os princípios gerais do modelo francês, especialmente a ênfase na autonomia da análise pessoal e na separação entre análise, supervisão e avaliação, e tem como base metodológica, também, a Association Psychanalytique de France (APF).

> *Inspiração não é acreditação. Adotar princípios organizacionais de um modelo descrito pela IPA não equivale a reconhecimento, certificação ou filiação do SBTCP à IPA ou à Association Psychanalytique de France (APF). Esta distinção consta da Política Institucional de Análise Pessoal (art. 7º) e deve ser mantida em qualquer divulgação.*

Perspectiva plural e crítica. O referencial do seminário parte de Freud e inclui Ferenczi, Groddeck, Reich, Winnicott, Marty, McDougall e Anzieu, entre outros. A diversidade de referências não implica tratar todas as escolas como equivalentes: cada autor é estudado em seu contexto histórico, com seus

conceitos, suas contribuições clínicas e as divergências em relação aos demais.

3. Estrutura do percurso

O percurso tem ordem, mas não tem prazo único. A figura abaixo mostra a relação entre as etapas: a análise pessoal começa antes do ingresso formal e acompanha o estudo teórico; a articulação entre teoria e clínica entra quando há repertório conceitual mínimo; a supervisão de dois casos conclui a trajetória.

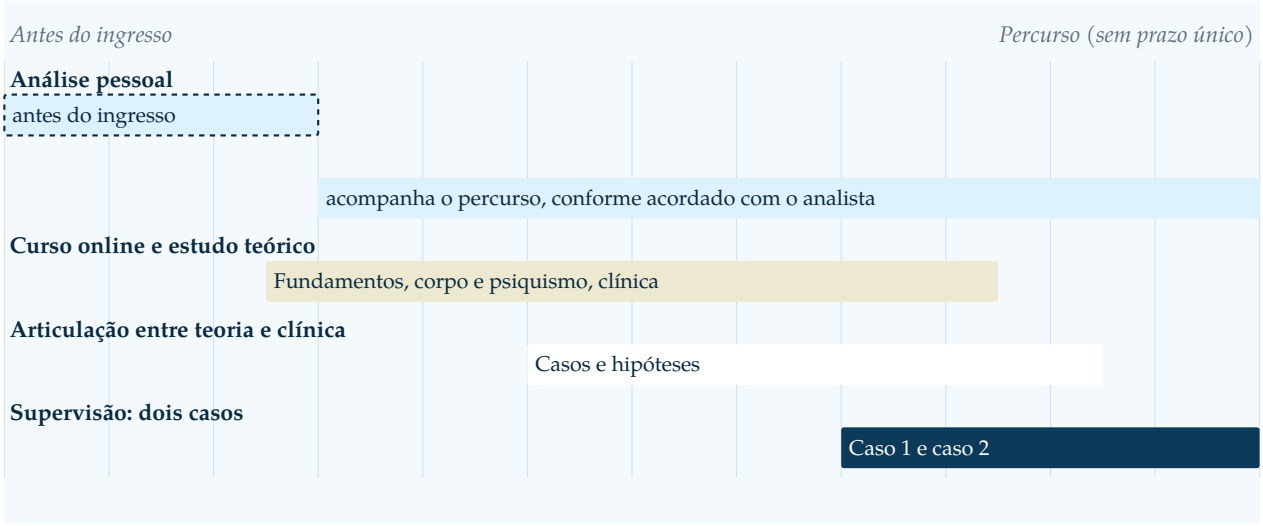

Figura 1. Ordem das etapas. As larguras são esquemáticas e não representam duração: o tempo de cada etapa é individual.

Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O AVA reúne aulas, textos, roteiros de leitura, atividades e registros de participação. Permite que o estudante avance em seu próprio ritmo e que a instituição acompanhe o desenvolvimento teórico sem acessar nenhum conteúdo da análise pessoal.

Critérios no lugar de calendário. A duração, por si só, não é indicador suficiente de formação. A passagem de uma etapa a outra depende de critérios explícitos (seção 7), avaliados por atividades, entrevistas formativas e discussão de casos.

4. Eixos curriculares e leituras

O estudo teórico organiza-se em eixos. Cada eixo combina leitura de textos de origem, aulas comentadas, atividades de elaboração e, quando pertinente, discussão clínica. A ordem abaixo é recomendada, mas o AVA permite revisitar eixos anteriores a qualquer momento.

Eixo	Conteúdos	Leituras principais
I. Fundamentos freudianos	Histeria e conversão; método catártico e associação livre; dois modelos do aparelho psíquico; sonhos; sexualidade infantil; pulsão, recalque e inconsciente; narcisismo; segunda tópica.	Estudos sobre a histeria (1895); A interpretação dos sonhos (1900); Três ensaios (1905); Pulsões e seus destinos, Recalque e O inconsciente (1915); O ego e o id (1923); Inibição, sintoma e angústia (1926)
II. Técnica e transferência	Regra fundamental, atenção flutuante, abstinência, interpretação, resistência, transferência e manejo do enquadre; fim de análise.	Artigos sobre técnica (1911–1915); Recomendações aos médicos (1912); Recordar, repetir e elaborar (1914); Análise terminável e interminável (1937)
III. Corpo e psiquismo	Conversão, couraça caracterial, o Isso como força de vida, tato e elasticidade da técnica, trauma e ambiente.	Groddeck, O livro d'Isso (1923); Reich, Análise do caráter (1933); Ferenczi, Elasticidade da técnica (1928) e Confusão de línguas (1933)
IV. Relações objetais e ambiente	Dependência, holding, manejo, objeto transicional, falso self, relação mãe-bebê; contribuições de Klein e Bion para a clínica das relações precoces.	Winnicott, Mente e sua relação com o psico-soma (1949) e O ambiente e os processos de maturação (1965); Bion, Aprendendo da experiência (1962)
V. Psicossomática e envoltura psíquica	Mentalização e pensamento operatório; economia psicossomática; Eu-pele e funções da pele psíquica.	Marty e de M'Uzan (1963); McDougall, Teatros do corpo (1989); Anzieu, O Eu-pele (1985)
VI. Psicopatologia e diagnóstico	Estruturas clínicas, quadros-limite, diagnóstico em psicanálise e correlações com sistemas classificatórios; noções de psicofarmacologia para o diálogo com a psiquiatria.	Textos freudianos sobre neurose, psicose e perversão; literatura contemporânea de psicopatologia psicanalítica
VII. Clínica, ética e legislação	Sigilo, consentimento, limites de competência, encaminhamento, risco, registro, proteção de dados, relação com serviços de saúde.	Lei nº 13.709/2018; Lei nº 10.216/2001; códigos de ética de referência
VIII. Casos e supervisão	Formulação de caso, hipóteses de condução, relato clínico, estudo de dois casos.	Material dos casos, com identificação protegida

Mapa de leitura. O gráfico seguinte organiza, de modo didático, os autores do eixo corpo e psiquismo segundo a ênfase predominante de suas formulações. As posições são aproximadas e simplificadoras: servem para orientar a leitura comparada, não para classificar autores.

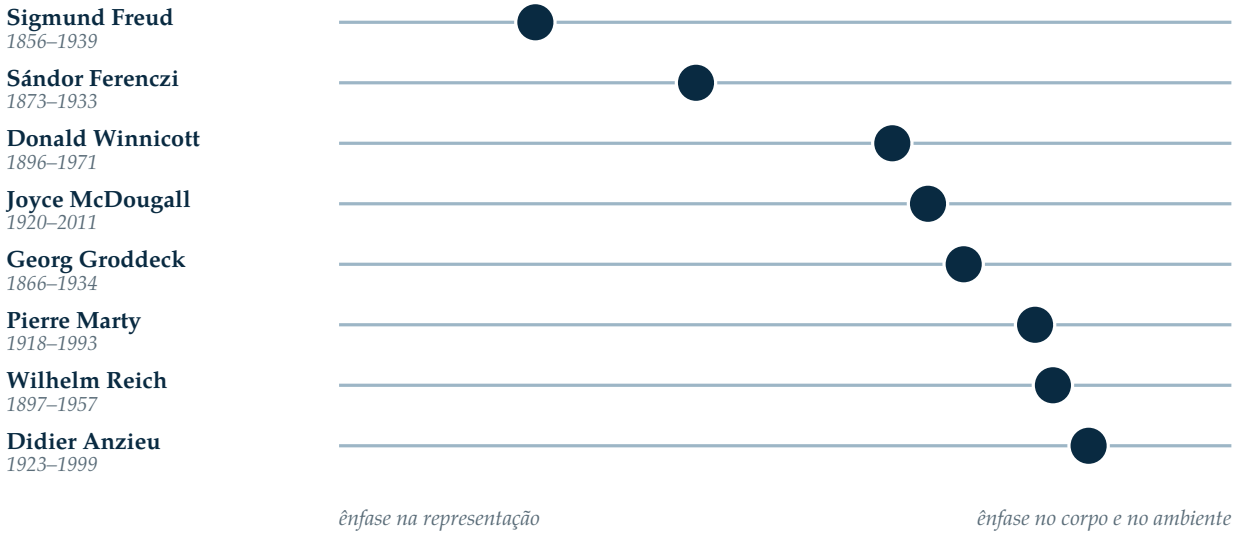

Figura 2. Mapa didático de leitura: da ênfase na representação à ênfase no corpo e no ambiente.

5. Análise pessoal

A análise pessoal é dimensão fundamental do percurso. Ela é conduzida em relação profissional independente da instituição: o estudante escolhe livremente o seu analista, que não precisa ter vínculo com o SBTCP, e combina diretamente com ele frequência, duração e condições. A instituição não estabelece frequência semanal universal, número obrigatório de sessões ou prazo para a conclusão.

Autonomia
As decisões clínicas pertencem à relação analítica. A instituição não interfere nelas.

Sigilo
O conteúdo das sessões não integra nenhum registro acadêmico e nunca é usado para avaliar desempenho.

Separação de funções
O analista pessoal não supervisiona nem avalia academicamente o mesmo estudante em razão dessa relação.

Momento
Recomenda-se iniciar a análise antes do ingresso formal. Sua continuidade durante o percurso é acordada com o analista.

O texto integral da **Política Institucional de Análise Pessoal** está disponível em documento próprio, com comentários técnicos sobre cada artigo.

6. Articulação entre teoria e clínica e supervisão

A articulação entre teoria e clínica desenvolve a capacidade de formular hipóteses, reconhecer a singularidade de cada sujeito e identificar os limites da interpretação e da intervenção. Trabalha-se com vinhetas clínicas, textos de casos clássicos e situações simuladas, sempre com identificação protegida.

A **supervisão** é o acompanhamento do trabalho clínico por um supervisor designado, distinto do analista pessoal. Seu foco está na fundamentação teórica do caso, na condução, na postura profissional, nas questões éticas e na responsabilidade no manejo. A supervisão não é espaço de tratamento do estudante: material pessoal que emerja deve ser encaminhado à análise.

Por que dois casos. O estudo de dois casos permite comparar sujeitos, demandas e dinâmicas transferenciais distintas, exercitar hipóteses diagnósticas e perceber o que é singular e o que é recorrente na clínica. Dois casos oferecem material suficiente para discutir condução, transferência, limites da interpretação e ética sem transformar a supervisão em burocracia.

1	**Relato do caso** Apresentação organizada: motivo da demanda, história, contexto, enquadre combinado e material das sessões, com dados identificadores omitidos.
2	**Formulação** Hipóteses sobre a organização psíquica, os conflitos, as defesas predominantes e as modalidades de transferência, com apoio nas leituras dos eixos.
3	**Discussão da condução** Análise das intervenções realizadas e possíveis, do manejo do enquadre e dos pontos de impasse. Avaliação dos limites da atuação.
4	**Elaboração escrita** Relatório do caso, em linguagem técnica, que integra relato, formulação, discussão e referências teóricas.
5	**Devolução formativa** Entrevista com o supervisor sobre o percurso, os aprendizados e os pontos a desenvolver antes do segundo caso ou da conclusão.

7. Critérios de avanço e avaliação

A avaliação observa se o estudante demonstra compreensão do método, consistência teórica, maturidade clínica e compromisso ético compatíveis com a etapa. Ela utiliza atividades no AVA, entrevistas formativas e a discussão de casos. Nunca utiliza o conteúdo da análise pessoal.

Critério	O que se observa	Evidências possíveis
Consistência teórica	Compreensão dos conceitos em seu contexto histórico, distinção entre autores e capacidade de comparação.	Resenhas, fichamentos, respostas dissertativas, participação em seminários.
Compreensão do método	Entendimento da função da análise pessoal, da transferência e do enquadre.	Entrevistas formativas e atividades reflexivas.
Maturidade clínica	Capacidade de formular hipóteses, de tolerar incerteza e de reconhecer limites.	Relato e formulação de caso; discussão em supervisão.
Postura ética	Sigilo, respeito à autonomia, delimitação de competências e prevenção de práticas abusivas.	Condução dos casos, respostas a dilemas éticos, conduta no AVA.
Declaração sobre a análise	Declaração voluntária de que mantém ou manteve análise pessoal, sem relato de conteúdo.	Declaração simples, sem relatórios do analista.

A instituição pode reavaliar a preparação do estudante para a etapa clínica quando surgirem questões pertinentes à competência profissional, sem investigar nem utilizar o conteúdo confidencial da análise pessoal (Política de Análise Pessoal, art. 4º, V).

8. Ética, legislação e limites de atuação

O estudo da psicanálise exige reconhecimento claro dos limites da atuação de cada participante. O SBTCP orienta o estudante a observar a legislação brasileira e as exigências profissionais aplicáveis, a distinguir as diferentes modalidades de atendimento e a não se apresentar com título, registro ou habilitação que não possua.

Tema	Orientação	Referência
Proteção de dados	Dados pessoais e, em especial, dados sensíveis de saúde exigem base legal, finalidade clara, minimização e segurança.	Lei nº 13.709/2018 (LGPD)
Saúde mental	Direitos das pessoas com transtornos mentais e modelo de atenção em saúde mental no país.	Lei nº 10.216/2001
Exercício profissional	Liberdade de trabalho condicionada às qualificações que a lei estabelecer; atividades regulamentadas exigem habilitação própria.	Constituição Federal, art. 5º, XIII
Ocupação	A CBO classifica a ocupação Psicanalista (2515-50) e não regulamenta a profissão.	Classificação Brasileira de Ocupações
Ética clínica	Parâmetros de sigilo, consentimento, relações duais e encaminhamento, úteis como referência de boas práticas.	Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, Res. 010/2005), como parâmetro

Situações de risco. Diante de risco à vida ou à integridade de uma pessoa, a prioridade é a proteção: encaminhar a serviço de urgência, mobilizar rede de cuidado e buscar orientação do supervisor. No Brasil, o Centro de Valorização da Vida (CVV) atende pelo telefone 188 e o SAMU pelo 192. A formação não substitui atendimento médico, psicológico ou psiquiátrico.

Doenças orgânicas. As abordagens que articulam corpo e inconsciente não dispensam o cuidado médico nem autorizam interpretações causais simples entre emoção e doença. Sintomas físicos devem ser investigados por profissional habilitado.

9. Glossário técnico

Termo	Definição
Análise pessoal	Processo analítico vivido pelo estudante como analisando, em relação independente da instituição.
Associação livre	Regra fundamental: dizer o que vem à mente sem selecionar por utilidade, lógica ou pudor.
Atenção flutuante	Atitude de escuta do analista que não privilegia previamente nenhum elemento do discurso.
Conversão	Expressão de um conflito psíquico em sintomas corporais sem lesão orgânica correspondente.
Defesa	Processo pelo qual o psiquismo se protege de angústia e conflito: recalque, negação, projeção, deslocamento.
Enquadre (setting)	Conjunto de condições estáveis do trabalho analítico: tempo, local, sigilo, honorários, regras.
Holding	Sustentação oferecida pelo ambiente ao bebê, em Winnicott, base da continuidade de ser.
Mentalização	Capacidade de elaborar excitações por meio de representações, em Marty.
Pensamento operatório	Funcionamento mental factual, pobre em fantasia e afeto, descrito por Marty e de M'Uzan.
Pulsão	Conceito-limite entre o psíquico e o somático; força que exige trabalho ao psiquismo.
Recalque	Operação que mantém fora da consciência representações ligadas a desejos conflitantes.
Resistência	Tudo o que, no tratamento, se opõe ao acesso ao material inconsciente.
Supervisão	Acompanhamento do trabalho clínico por supervisor designado, distinto do analista pessoal.
Transferência	Atualização, na relação com o analista, de modos de sentir e de se relacionar vividos antes.
Eu-pele	Envoltura psíquica formada a partir das funções da pele: contenção, proteção, inscrição.

10. Bibliografia de referência

- ANZIEU, D. *Le Moi-peau*. Paris: Dunod, 1985.
- BION, W. R. *Learning from Experience*. London: Heinemann, 1962.
- BREUER, J.; FREUD, S. *Studies on Hysteria* (1895). Standard Edition, vol. II.
- FERENCZI, S. The Elasticity of Psycho-Analytic Technique (1928). In: *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*.
- FERENCZI, S. Confusion of Tongues Between Adults and the Child (1933). In: *Final Contributions*....
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Standard Edition, vols. IV–V.
- FREUD, S. Recommendations to Physicians Practising Psycho-Analysis (1912). Standard Edition, vol. XII.
- FREUD, S. Instincts and their Vicissitudes (1915). Standard Edition, vol. XIV.
- FREUD, S. *O ego e o id* (1923). Standard Edition, vol. XIX.
- GRODDECK, G. *Das Buch vom Es*. Wien: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1923.
- LACAN, J. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- MARTY, P.; DE M'UZAN, M. La pensée opératoire. *Revue Française de Psychanalyse*, 1963.
- McDOUGALL, J. *Theatres of the Body*. London: Free Association Books, 1989.
- REICH, W. *Charakteranalyse*. 1933.
- WINNICOTT, D. W. Mind and its Relation to the Psyche-Soma (1949); *The Maturational Processes and the Facilitating Environment* (1965).

As referências são indicativas. Edições brasileiras e traduções variam, e o AVA indica as edições adotadas em cada eixo.